



## A RETÓRICA VIEIRIANA DO SERMÃO DE SANTO ANTONIO (AOS PEIXES)

**Eliene Farias da Silva**

(ESPECIALIZA/UNEAL – Especialização)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
<p><b>Eliene Farias da Silva</b> é graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL - Campus do Sertão - Delmiro Gouveia (2017). Especialista em Gestão Escolar, Orientação e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa-FERA (2018). Atualmente, é aluna do Curso de Linguagem, na área de concentração em Estudos Literários pelo Programa Institucional de Cursos de Pós-graduação - Lato Sensu (UNEAL ESPECIALIZA) da Universidade Estadual de Alagoas, Campus I – Arapiraca, (2018-2019). Participa como membro do GENA - Grupo de Estudos das Narrativas Alagoanas, sediado na UNEAL e certificado no CNPq. E-mail: <a href="mailto:elienefarias@hotmail.com">elienefarias@hotmail.com</a></p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo descreve os recursos retóricos que participam da arquitetura do <i>Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)</i>, com foco, sobretudo, nos três argumentos retóricos, <i>ethos</i>, <i>pathos</i> e <i>logos</i> utilizados no sermão. Objetiva-se com este estudo demonstrar como elementos de natureza Retórica, a exemplo dos argumentos citados, estão presentes nesse sermão e de que maneira contribuíram para a construção argumentativa de Antonio Vieira. O percurso teórico-metodológico partiu da pesquisa bibliográfica e da abordagem qualitativa apoiada em leituras e reflexões de autores como Reboul (2004), Alves (2008, 2015, 2016), Peixoto (2008), dentre outros. Num primeiro momento, a temática proposta foi abordada com base na reconstituição histórica da Retórica. Em seguida, foram feitas reflexões acerca da Retórica e de suas funções, incluindo apontamentos da Retórica de Aristóteles, os tipos de argumentos retóricos e como estes se apresentam na obra estudada. Por fim, com base no conteúdo abordado, concluiu-se que os elementos clássicos da Retórica auxiliaram Vieira nas críticas feitas aos colonos maranhenses, visto que foram utilizados pelo orador com o objetivo de persuadir seu auditório a abandonar suas más condutas uma vez que essa peça oratória se caracteriza por fazer uma admoestação às más condutas dos colonos maranhenses, que viviam da exploração de outros homens.</p>	<p>This article describes the rhetorical features that participate in the architecture of the Sermon of Saint Anthony (Pisces), focusing mainly on the three types of rhetorical arguments, <i>ethos</i>, <i>pathos</i> and <i>logos</i> used in the sermon. The objective of this study is to demonstrate how elements of a rhetorical nature, such as the arguments cited, are present in this sermon and how they contributed to the argumentative construction of Antonio Vieira. The theoretical-methodological course started from the bibliographical research and the qualitative approach supported by readings and reflections of authors such as Reboul (2004), Alves (2008, 2015, 2016), Peixoto (2008), among others. At first, the proposed theme was approached based on the historical reconstitution of Rhetoric. Reflections were then made on Rhetoric and its functions, including notes from Aristotle's Rhetoric, types of rhetorical arguments, and how these are presented in the work studied. Finally, based on the content discussed, it was concluded that the classical elements of rhetoric helped Vieira in the criticisms made to the maraenses settlers, since they were used by the speaker in order to manipulate his audience. And much more than convincing his listeners, the Jesuit-writer aimed to persuade them to abandon their misconduct, since this oratory is characterized by admonishing the misconduct of the maraenses settlers, who lived off the exploitation of other men.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Antonio Vieira; Sermão; Retórica clássica.	Antonio Vieira; Sermon; Classical Rhetoric.

## INTRODUÇÃO

O gênero sermão classifica-se na tipologia textual como argumentativo, sua “estrutura é baseada no texto dissertativo, com a introdução de uma tese, o desenvolvimento dos argumentos, e a proposta de uma conclusão” (FABRINO, 2008, p.15).

Sermões discutem temáticas religiosas, em que o pregador anuncia ao púlpito a palavra de Deus, favorecendo, majoritariamente, a segunda pessoa, por ter como escopo principal persuadir e obter a anuência do público ouvinte e, sobretudo, levá-lo à mudança de suas más condutas.

Esse era exatamente o propósito de Antonio Vieira com o *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, já que, na época em que o orador elaborou e proferiu a referida peça oratória, negros e índios eram barbaramente escravizados pelos colonos no Brasil, motivo que levou o jesuíta a elaborar esse discurso.

Ao notar que não estava sendo ouvido pelos colonos maranhenses, o escritor luso-brasileiro apoderou-se de uma situação similar vivenciada por Santo Antonio, que, durante uma de suas pregações, em que repreendia a conduta humana, determinou-se a “pregar aos peixes”, ao perceber que os homens não lhe davam atenção.

Fazendo uso de recursos retóricos, a exemplo do *ethos*, *pathos* e *logos*, Vieira “fala aos peixes” com o propósito de pregar a moral e a ética, que deveriam pôr fim ao injusto conflito, em que uns (colonos) tentam subjugar outros (índios e negros).

Atribuindo características humanas ao seu auditório metafórico – peixes –, dotando-os de vícios e virtudes, e criticando-os diretamente, Vieira objetivava alcançar indiretamente a compreensão de seu auditório real – os colonos do Maranhão. Para isso, o orador utilizou-se de inúmeros artifícios retóricos.

Nesse sentido, este artigo objetiva analisar a presença dos elementos clássicos da Retórica, quais sejam: o *ethos*, o *pathos* e o *logos* e como o orador se apropria desses recursos retóricos para argumentar. Busca-se, com isso, contribuir com os estudos científicos que têm por objeto a obra vieiriana, ampliando os debates que apontam para a importância da tríade argumentativa na produção sermonística desse autor.

## 1 RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA RETÓRICA

As origens etimológicas do termo “Retórica” podem ser encontradas na palavra grega *Retóriké*. Relatos apontam que a primeira utilização do termo foi feita pelo filósofo grego Platão, no diálogo *Górgias*, em que criticou a Retórica, discutindo-a como forma de

manifestação artística, vez que não se detém no estudo da verdade, como acontece com a Filosofia, por exemplo. A Retórica é definida pelo fundador da academia de Atenas como “mero exercício linguístico, que tem como finalidade exclusiva a persuasão [...]” (ARAGÃO FILHO, 2009, p. 161).

Em sua obra, *Introdução à Retórica*, Olivier Reboul (2004) afirma que as origens da Retórica são judiciárias, não literárias. Posteriormente, essa arte renasce em uma nova corrente que visava à estética, ao belo, ao pomposo do discurso. É nesse momento que a Retórica se reveste de aspectos literários (REBOUL, 2004).

A Retórica, ou a arte do bem dizer<sup>1</sup>, surgiu na Sicília grega, no ano 465 a. C, foi concebida pelos gregos Córax e Tísias, por volta dos séculos V e IV a.C., quando publicaram uma “arte oratória”, *tekhne rhetoriké*. Como já assinalado, sua origem não é literária, mas judiciária, já que “os cidadãos, despojados pelos tiranos, reclamavam seus bens, e à guerra civil seguiram-se inúmeros conflitos judiciários” (REBOUL, 2004, p. XIII), os quais propiciaram um ambiente favorável ao enaltecimento da argumentação e, conseqüentemente, ao surgimento da arte Retórica nos discursos jurídicos. O tratado de Retórica consistia numa coletânea de determinações práticas com exemplos para as pessoas que tivessem a necessidade de recorrer à justiça (REBOUL, 2004).

Dados colhidos no estudo de Peixoto (2008), sobre a importância da Retórica, são significativos, pois, segundo este pesquisador, a linguagem e seu poder foram pensados a partir do surgimento dessa arte. A sociedade dos séculos V e IV a. C. enfrentava mudanças profundas, dentre as quais se destaca o nascimento da democracia. Com o nascimento desse sistema, a sociedade assumiu uma nova atitude, uma nova forma de pensar e de defender seus direitos. Ao invés de resolverem os conflitos violentamente, como outrora, as soluções passam a ser dadas por pessoas que dominavam a linguagem, como assinala Peixoto (2008):

Podemos considerar a Retórica como sendo o primeiro momento de reflexão sistemática sobre os poderes da linguagem, pois a sociedade que presenciou seu nascimento estava vivendo mudanças inéditas. Ocorriam mudanças no sistema democrático que conduziram a novas formas de conflitos de interesses. Deixando para trás antigos meios de se resolverem os conflitos por meio da violência, estabelece-se que as contendas deveriam ser resolvidas perante um público determinado: o dos pares, que se denomina público, ou dos especialistas, juízes e outros. Sendo assim, a força física, que era uma grande aliada dos métodos antigos, perde a sua importância, deixando aberto o caminho para aqueles que obtinham o domínio sobre os signos, facilitando a adesão da coletividade (PEIXOTO, 2008, p. 18).

Córax, retórico grego e discípulo do filósofo Empédocles, foi o primeiro autor que

---

<sup>1</sup> Definição extraída do dicionário de Termos Literários de Massaud Moisés (2004).

definiu o termo Retórica como sendo a “criadora da persuasão”. Além disso, este orador foi considerado “[...] responsável pela invenção do argumento associado ao seu próprio nome, o córax, que serve para ajudar àqueles que defendem as piores causas, na medida em que postula que uma coisa é tanto inverossímil quanto mais verossímil for” (ALVES, 2015, p. 35).

Importa destacar que a definição de Retórica proposta por Córax fortalece, ainda mais, a abordagem realizada por Peixoto (2008), apresentada na citação acima, de que a Retórica foi utilizada como um instrumento para tornar o discurso mais fácil para os que dele se utilizam, tornando maior sua adesão, vez que sua “finalidade precípua era atingir a persuasão” (COMPATO, 2003, p. 64).

Córax não fundamenta sua Retórica a partir do verdadeiro, mas do verossímil (*eikos*), “é uma retórica que buscava provas (*písteis*), que assumia uma posição de arte assentada em preceitos científicos, definida como *katástasis*, isto é, ‘uma questão colocada em debate’” (LINHARES, 2007, p. 18).

É com Górgias, outro retórico e filósofo grego nascido por volta de 485 a. C., que surge a Retórica de origem literária. Sua eloquência era tão expressiva que agradou os atenienses, visto que nessa época a literatura era compreendida pelos gregos apenas como “poesia (épica, trágica etc.). A prosa, meramente funcional, restringia-se a transcrever a linguagem oral comum” (REBOUL, 2004, p. 4).

À vista disso, com a criação de sua prosa eloquente, Górgias tornou-se um dos responsáveis por fundar e inventar o discurso epidíctico (elogio público). Para isso, o filósofo criou uma prosa eloquente, “multiplicando as figuras, que a tornam ‘uma composição tão erudita, tão rimada e, por assim dizer, tão bela quanto a poesia’” (REBOUL, 2004, p. V). Assim, esse retor “estabeleceu as técnicas da retórica em três figuras: a antítese, o paralelismo de frases e a assonância” (JUNG, 2008, p. 27).

A Retórica ocupa o segundo lugar em relação às sete artes liberais, consoante a observação de Ernest Curtius (1979). Ela era uma das disciplinas integrantes da *Ratio Studiorum* – plano e organização de estudos da Companhia de Jesus –, que se fundamentava na tradição clássica greco-romana. Além da Retórica, a composição desse programa de estudos também introduzia a Gramática e a Dialética, que constituíam o *trivium*, entendido, na Idade Média, como parte do ensino das três primeiras artes liberais, consideradas disciplinas humanísticas, quais sejam: a Retórica, a Gramática e a Dialética (JUNG, 2008).

## 1.1 CONCEITOS DE RETÓRICA

De acordo com Reboul (2004), definir o termo Retórica é um tanto complexo, visto

que atualmente esse vocábulo abarca e compreende aspectos diversos e divergentes. O senso comum aponta o termo como sinônimo de algo empolado, por estar saturado de palavras incompreensíveis, artificiais e sem correspondência com a veracidade. No entanto, no início do decênio de 1960, com os estudos realizados nas academias, a Retórica foi revalorizada e seu prestígio lhe foi devolvido, surgindo duas definições distintas (REBOUL, 2004).

Para os autodenominados novos retóricos, como Perelman e Olbrechts-Tyteca, a Retórica é vista como a arte de argumentar. Já Morier, G. Genette, J. Cohen e o Grupo Mü consideram a Retórica como estudo do estilo, particularmente das figuras. Em resumo, para os primeiros, a Retórica tenciona convencer, enquanto, para os últimos, a Retórica é o elemento essencial para atribuir características literárias ao texto (REBOUL, 2004).

Através da realização de leituras e análises de estudos para a elaboração desta pesquisa, consideramos relevante o raciocínio de Marcia Luiza Traskurkemb Funatsu (2015) quando, em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *Antonio Vieira e o sermão como instrumento cultural no século XVII: uma interpretação a partir do sermão da sexagésima*, acentua a importância das definições apresentadas acima para o estilo de Vieira na composição de seus sermões. Em conformidade com a interpretação e análise da autora, “é possível constatar que ele faz uso desses dois sentidos da retórica, pois seu texto é constituído de argumentações e figuras de linguagem” (FUNATSU, 2015 p. 15).

No entanto, é com Reboul (2004) que se tem a definição clássica de Retórica. Segundo o autor, pela articulação e integração dos posicionamentos apresentados acima, é que se pôde chegar a uma definição clássica do vocábulo Retórica, que começa com Aristóteles e perdura até o século XIX. Assim, o pesquisador afirma que “retórica é a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 2004, p. XIII-XIV).

Para o autor da obra *Introdução à Retórica*, considera-se discurso toda produção verbal, seja ela oral ou escrita, desde que ambas as modalidades possuam uma sequência lógica e certa unidade de sentido. Ou seja, a produção deve ser estruturada em uma frase ou sequência de frases, com começo e fim (REBOUL, 2004).

Ainda nesse sentido, afirma Reboul (2004) que a Retórica está intrinsecamente relacionada ao discurso persuasivo e que persuadir é conduzir alguém a crer em algo. Conforme o referido escritor, há quem aponte diferenças entre convencer e persuadir: o convencimento objetiva levar o auditor à compreensão, ao passo que a persuasão objetiva levá-lo à crença.

## 2 CONVENCER E PERSUADIR

Em relação aos matizes semânticos dos termos discutidos acima, Jung (2008), a

partir dos ensinamentos de diversos autores, resume os conceitos de convencimento e persuasão da seguinte forma: o convencer está relacionado à inteligência e à razão, significa compreender, reconhecer, tem caráter objetivo, implica auditório universal, de seres racionais; o persuadir está relacionado às capacidades sensoriais emotivas, de cunho irracional, significa levar alguém a crer, a querer e a agir, é de caráter subjetivo, implica auditório particular.

Em outros termos, com fundamento nas lições de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Roberto Jung (2008) assevera que

[...] persuadir é mais do que convencer, porque persuadir é a primeira fase que redundava em ação; havendo, porém, maior interesse no aspecto racional da ação, convencer é mais do que persuadir. No aspecto racional, a convicção depende dos meios utilizados e das faculdades que o orador tem em vista. Os autores preferem aplicar a palavra persuadir à argumentação referente a um auditório particular, e convencer, em se tratando de adesão de todo ser racional. A convicção, portanto, estaria ligada à inteligência, e a persuasão, à ação e à vontade. Mas eles chegam à conclusão de que as fronteiras entre convencer e persuadir sempre serão indefinidas, pois esta é a característica dos diversos auditórios face à retórica, havendo a presença de aspectos racionais e volitivos (JUNG, 2008, p. 19).

Valendo-se da filosofia kantiana, Perelman e Olbrechts-Tyteca, relacionam o convencimento à objetividade e o persuadir à subjetividade (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) preferem chamar de “*persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter adesão do ser racional” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31, grifos no original). Quer dizer, “convencer é levar outrem à aceitação de uma evidência; persuadir é induzir outrem a uma ação ou decisão. À convicção basta o entendimento; à persuasão, é necessária a emoção e a vontade” (RODRIGUES FILHO, 2014, p. 2).

Reboul (2004) confere à Retórica quatro funções: a persuasiva, a hermenêutica, a heurística e a pedagógica. Por meio delas o escritor aponta os préstimos que a arte retórica é capaz de proporcionar àqueles que dela se utilizam. Discorreremos sobre cada uma dessas funções para entender de que modo Vieira as utilizou e como contribuíram para construção de sua parenética.

### 3 FUNÇÕES DA RETÓRICA

Em consonância com o raciocínio do estudioso francês Olivier Reboul, a primeira função da Retórica refere-se a sua própria definição, arte de persuadir, ou seja, seria a função *persuasiva*, que abrange a argumentação (razão) e a oratória (afetividade). Essa função é a mais inequívoca, como também a mais antiga. O discurso é persuasivo por

meios de ordem racional e de ordem afetiva, já que em Retórica esses meios são indissociáveis (REBOUL, 2004).

Para os meios que dizem respeito à razão, há dois tipos de argumentos: os que se integram no raciocínio silogístico<sup>2</sup> (entimemas) e os que se baseiam no exemplo. No entanto, para Aristóteles, o exemplo é mais afetivo que o silogismo. Os meios que correspondem à afetividade são o *ethos* e o *pathos*, discussão que será retomada mais a frente. Em suma, a parte persuasiva do discurso compreende dois aspectos: o argumentativo e o oratório, considerados de difícil distinção pelo autor supracitado. Nesse sentido, segundo o mesmo autor, a oratória abrange gestos, tom, inflexões de voz do orador, bem como as figuras de estilo, vez que objetivam agradar ou comover, além de serem entendidas como argumentativas, por tornarem o argumento mais denso, claro e firme (REBOUL, 2004).

Quanto à segunda função retórica, a *hermenêutica* – conceituada como a arte de interpretar textos – focaliza a importância da relação que o discurso mantém com outros discursos, concordando ou discordando com os outros oradores. A lei fundamental da Retórica defende que o orador, quando fala ou escreve, nunca está só, sempre age em função de outros discursos e das interpretações que sobre eles são feitas. Ainda em relação à função *hermenêutica*, Reboul (2004) registra que, “na universidade atual, essa função é fundamental, para não dizer única. Não se ensina mais retórica como arte de produzir discursos, mas como arte de interpretá-los” (REBOUL, 2004, p. XIX).

Ainda de acordo com Reboul (2004), a terceira função é a *heurística*, do grego *eureka*, significa encontrar, correspondendo, portanto, a uma função de descoberta. O autor explica que a descoberta a que se refere nada tem a ver com o científico, já que a Retórica não tem valor para a ciência.

Desse modo, o referido pesquisador afirma que são descobertas de coisas da vida, que não abrangem apenas a noção de verdadeiro ou falso, mas aquilo que parece verdadeiro, sendo, portanto, a busca do verossímil. Isto é, para JUNG (2008), “a retórica desempenha aqui um papel importante na procura de uma resposta por meio do debate contraditório” (p. 17).

A última função apresentada por Reboul (2004) é a *pedagógica*, estando, portanto, relacionada à educação. O pesquisador aborda que, nos planos escolares dos períodos medieval e clássico, a Retórica não fazia uso da função pedagógica por privilegiar a função persuasiva. A função *hermenêutica* destinava-se apenas à Gramática, enquanto a função *heurística*, à Dialética. A Gramática, a Dialética e a Retórica na Antiguidade formavam parte de um todo, mas, quando separadas, se esclerosaram.

---

<sup>2</sup> Argumento formado de três proposições: a maior, a menor (premissas) e a conclusão deduzida da maior, por intermédio da menor. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/silogismo>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

É interessante refletirmos de que modo Vieira lançou mão das funções retóricas em sua parenética, pois o uso delas fica evidente nas construções sermonísticas, especialmente as funções persuasiva e hermenêutica. Sua preocupação em *persuadir* seu auditório é revelada, por exemplo, pela constante utilização das figuras de estilo, compreendidas pelo orador luso-brasileiro como instrumentos significativos para a conquista de seus ouvintes.

Nesse sentido, é possível observar no *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, objeto de análise da presente pesquisa, o uso frequente da figura de estilo prosopopeia ou personificação, como ocorre no seguinte trecho: “[...] dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios” (VIEIRA, 1963, p. 335).

Somente o fato de Vieira, aparentemente, dirigir o seu sermão a peixes, deixa evidente o uso recorrente que ele fará da personificação, o que, dentro do universo retórico-argumentativo possui objetivos específicos.

A função *hermenêutica*, por sua vez, é o suporte fundamental não só no *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, mas em toda a obra vieiriana, pois é clara a interpretação que o jesuíta-escritor faz das Escrituras Sagradas. Elucidativa é a reflexão de Murilo Alves (2016), quando ressalva o apego de Antonio Vieira às Escrituras Sagradas. Assim, argumenta o crítico:

O vocabulário vieiriano demonstra a influência precisa e permanente das Escrituras Sagradas sobre sua forma de escrever. Em todos os seus sermões, são abundantes as citações bíblicas, citadas da Vulgata, e intercaladas com traduções e comentários. Essa influência bíblica presente em todos os seus escritos, em que, por exemplo, recorre a todas as plantas e animais presentes no Livro Sagrado, parece demonstrar que Vieira não percebeu a natureza senão através das narrações bíblicas (ALVES, 2016, p. 140).

Segundo as palavras de Casa Nova (1998, p. 7), o orador luso-brasileiro, “traduz e interpreta, tendo na interpretação seu maior triunfo, e sua principal prática linguística”.

Como se pode notar, a síntese apresentada pelos estudiosos citados acima é reproduzida com fidedignidade por Samu (2013), ao afirmar que Vieira fundamenta as ideias de sua oratória nas citações bíblicas.

Como ainda comenta este pesquisador, o texto sagrado é entendido pelo autor dos sermões como exemplo a ser praticado e seguido, uma vez que apresenta verdades inquestionáveis, citá-lo “é sinal de legítima garantia de que o discurso será aceito sem dúvidas colocadas, pois o livro, sagrado para a cristandade, representa força vital para estabelecer valores próprios. “[...] eu não sei dizer senão o que me diz o Evangelho...” (SAMU, 2013, p. 67).

Conforme o pensamento desenvolvido por Alves (2008), em sua Dissertação de



Mestrado, intitulada *Retórica do Sermão da Sexagésima: a hermenêutica bíblica como fundamento da argumentação e do estilo*, Vieira revela seu forte apoio na exegese/hermenêutica bíblica.

Para clarificar ainda mais essa abordagem e as que foram traçadas anteriormente, fizemos um recorte do *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, em que Vieira manifesta seu forte apoio na hermenêutica bíblica, quando faz menção à passagem do capítulo 7 do livro do Gênesis, que relata a história do dilúvio:

No tempo de Noé sucedeu o Dilúvio, que cobriu e alagou o mundo: de todos os animais, quais livraram melhor? Dos Leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra: das águias escaparam duas, fêmea, e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam: antes não só escaparam todos, mas ficaram muito largos que dantes, porque a terra, e o mar, tudo era mar (VIEIRA, 1963, p. 337).

Sendo assim, na leitura do trecho acima é possível identificar a importância que a hermenêutica bíblica exerce em sua parênética, especialmente no *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, em que, mais que simples personagens de um único sermão, os peixes são transportados de um relato ainda mais antigo (o bíblico) para emprestar ainda mais credibilidade ao texto sermonístico.

#### 4 A RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Com Aristóteles, a Retórica recebe uma nova definição, pois foi ele quem a repensou, “dando-lhe a característica de ciência, afirmando que, para se conseguir a persuasão seria necessário seguir os passos da verificação” (FUNATSU, 2015, p. 18). O Estagirita afirma que a Retórica consiste em “[...] descobrir o que é próprio para persuadir” (ARISTÓTELES, 2005, p. 33).

O discípulo de Platão expõe um sistema retórico formado por quatro partes, sendo elas: a invenção (*inventio*)<sup>3</sup>, a disposição (*dispositio*), a elocução (*elocutio*) e a ação (*actio*). A classificação dessas quatro partes demonstra as instruções que o autor de discursos segue ou deve seguir.

Na invenção (*heurisis*)<sup>4</sup>, busca-se entender o assunto que será discutido e juntar todos os recursos que serão relevantes para o discurso. Já a disposição (*taxis*) é a organização desses argumentos no discurso, ou seja, sua disposição interna. Quanto à terceira fase, a elocução (*lexis*), refere-se à escrita do próprio discurso, o cuidado que o compositor deve ter na escrita e no estilo no momento de sua elaboração. É nessa fase que se encaixam a introdução das figuras de estilo.

<sup>3</sup> Terminologia latina, assim como todos os outros termos que se seguem.

<sup>4</sup> Terminologia grega, assim como todos os outros termos seguintes.

Por último, tem-se a ação (*hypocrisis*), que corresponde à leitura do discurso em voz alta, com todos os elementos relacionados à voz, à mímica e aos gestos, enfim, é a exposição do discurso (REBOUL, 2004).

Ainda em relação à invenção, em sua obra *Arte Retórica e Arte Poética*, Aristóteles distingue os três gêneros da Retórica. São eles: o gênero deliberativo, o demonstrativo (ou epidítico) e o judiciário. Os três tipos de gêneros correspondem às três espécies de auditório, a cujas especificidades devem ser adaptados o discurso (ARISTÓTELES, 2005).

O gênero deliberativo (ou político) tinha como auditório os membros de uma assembleia (Senado). O tempo que é próprio a esse tipo de gênero é o futuro, foi desenvolvido para aconselhar ou desaconselhar tanto sobre os assuntos concernentes ao interesse particular quanto às questões de interesse público (ARISTÓTELES, 2005).

De acordo com Aristóteles (2005), o gênero demonstrativo (ou epidítico) comporta duas partes: o elogio e a censura. Refere-se ao tempo presente, tinha como auditório os espectadores de modo geral, por comportar duas partes; ademais, o gênero epidítico, como também era definido, foi desenvolvido tanto para elogiar como para censurar (JUNG, 2008).

O último gênero, o judiciário, refere-se ao tempo passado e tinha como auditório o tribunal, “visto que a acusação ou defesa incide sempre sobre fatos pretéritos” (ARISTÓTELES, 2005, p. 39). Aristóteles deixou um legado de valor inestimável para a Retórica em todos os tempos, ao demonstrar que o discurso pode ser classificado em conformidade com o auditório e as finalidades pretendidas (LINHARES, 2007).

Mediante tais considerações, e de acordo com os pesquisadores Vinícius Silva e Marcelo Silveira (2014, p. 242), pode-se adiantar que “o sermão de Padre Vieira tem características do gênero epidítico”. Essa observação é, por sua vez, aplicada ao *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)* sem nenhuma dificuldade, vez que o orador assevera ao seu auditório metafórico – peixes –, que esse sermão será dividido em dois pontos: “no primeiro, louvar-vos-ei as vossas virtudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios” (VIEIRA, 1963, p. 335).

O filósofo grego também foi responsável por caracterizar os três tipos de argumentos (o *ethos*, o *pathos* e o *logos*) e determinar com precisão a estrutura de um discurso retórico, subdividindo-a em quatro fases que ocorrem sequencialmente e integradas: o *exórdio*, a *narração*, as *provas* e a *peroração*. Logo em seguida, são abordados os tipos de argumentos retóricos.

## 5 O SERMÃO DE SANTO ANTONIO (AOS PEIXES) E OS MEIOS DE PERSUASÃO

Melo (2005) argumenta que a produção literária de Padre Vieira decorre de sua

experiência enquanto pregador, pois baseia sua parênética nos elementos clássicos da Retórica, tais como: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Ou seja, “seus discursos nascem de um conceptismo de natureza ideológica, política, religiosa, e também estética” (MELO, 2015, p. 88).

Reboul (2004) ainda acrescenta que os três tipos de argumentos referidos acima foram definidos por Aristóteles como instrumentos persuasivos. Sob esse prisma, Márcia Funatsu (2015) assevera que

Ao pensador grego coube também caracterizar os três tipos de argumentos retóricos que possuem como finalidade persuadir no âmbito afetivo: o *ethos* (gênero deliberativo) que corresponde ao papel assumido pelo orador de inspirar confiança aos seus ouvintes; o *pathos* (gênero epidictico) está ligado aos sentimentos, às emoções que o orador precisa despertar em seus ouvintes por intermédio de seu discurso; e o *logos* (gênero judiciário) que se encontra no plano racional e está vinculado ao processo argumentativo, ao aspecto dialético da retórica. Para se entender os sermões elaborados por Vieira, deve-se considerar dialeticamente a tríade dos argumentos retóricos desenvolvidos por Aristóteles: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Do *ethos* do pregador deriva o *pathos*, ou seja, seu domínio emocional, e o *logos* é o componente simbólico e verbal (FUNATSU, 2015, p. 18).

O *ethos* e o *pathos* correspondem à ordem da afetividade, o *logos*, à ordem da racionalidade. O *ethos* está relacionado ao caráter do orador, ou seja, à atitude que deve assumir diante de seu auditório para chamar sua atenção e, conseqüentemente, conquistar sua confiança (REBOUL, 2004). Esse tipo de argumento tem um significado relacionado ao termo ética, sendo, portanto, definido como “caráter moral que o orador deve parecer ter” (REBOUL, 2004, p. 48).

Nesse sentido, esse argumento centra-se na pessoa do orador, sua conduta e atitude no momento em que está proferindo o discurso são imprescindíveis para conquistar a credibilidade, a confiança e a admiração de seu auditório. O *ethos* prima pela afetividade do orador (REBOUL, 2004).

Por esse prisma, esse tipo de argumento é de suma importância, tanto no contexto vivido por Vieira, como no contexto hodierno, pois “a importância do caráter do orador no processo da persuasão é inegável em todas as épocas históricas” (JOANA, 2010, p. 106).

O segundo tipo de argumento, o *pathos*, diz respeito às emoções, às aspirações, enfim, aos desejos correspondentes às inclinações do auditório, os quais o orador deve explorar, tirando deles o máximo proveito (REBOUL, 2004).

Esses sentimentos estão ligados às emoções e aos desejos que o auditório manifesta. Nesse caso, o argumento é baseado na condição emocional do auditório, “aqui, o *ethos* já não é o caráter (moral) que o orador deve assumir, mas o caráter (psicológico) dos diferentes públicos, aos quais o orador deve adaptar-se. O *pathos* prima pela afetividade do

auditório” (REBOUL, 2004, p. 48-49).

Correspondente à ordem da racionalidade, o último argumento retórico definido por Aristóteles é o *logos*, “se o etos diz respeito ao orador e o patos ao auditório, o logos [...] diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso. É o aspecto dialético da retórica” (REBOUL, 2004, p. 49).

Daniel Joana comenta que, dos tipos de argumentos presentes nos sermões de Vieira, “o *logos* volta a ser o meio de persuasão mais visível do texto. É por intermédio de complexos jogos de raciocínio, tantas vezes levados ao excesso, que Vieira prova e exorta a uma das mais difíceis inversões de sentimentos jamais vista” (2010, p. 86).

O argumento *logos* está presente não somente no *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, mas em toda a obra sermonística de Vieira, vez que o orador sacro busca inspiração em textos das Escrituras Sagradas e em outros textos antigos, a partir dos quais desenvolve seu raciocínio, demonstrando que sua argumentação é baseada no diálogo com discursos anteriores.

Para descrever os recursos retóricos que participam da arquitetura do *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, especialmente os três tipos de argumentos, inicialmente, apresentamos em um quadro alguns exemplos na peça oratória estudada. Em seguida, abordaremos como esses aspectos retóricos são construídos e como intensificaram o poder persuasivo do orador.

#### EXEMPLOS DE ARGUMENTOS RETÓRICOS NO SERMÃO (AOS PEIXES)

##### **ETHOS**

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal! (VIEIRA, 1963, p. 333)

<b>PATHOS</b>	<p>Abria S. António a boca contra os Hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zêlo da Fé e glória divina. E êles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquêlo homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração dêsse homem e êsse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demónios fora de casa (VIEIRA, 1963, p. 339)</p>
<b>LOGOS</b>	<p>Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só coisa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em céu nem inferno; e assim será menos triste êste sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre a lembrança dêstes dois fins (VIEIRA, 1963, p. 335).</p>

Em relação ao argumento, o *ethos*, como apresentado no quadro acima, em uma linguagem metaforizada, Vieira afirma que os pregadores são o sal da terra, que têm o ofício de sal. Esse ofício nada mais é que um símbolo da luta contra a corrupção humana. No entanto, Vieira se questiona por que a pregação de seus conterrâneos (os demais pregadores que deveriam exercer o ofício de sal) não tem efeito, ou seja, não tem o poder de impedir a proliferação da corrupção. Por que a corrupção ainda está tão presente na terra, mesmo diante de tantos pregadores que receberam o ofício de serem sal?

Nesse âmbito, é possível perceber uma forte discussão em torno de aspectos morais e requisitos éticos que devem sempre revestir a figura do pregador, o que demonstra o uso do argumento *ethos*. Para Vieira, como enuncia no *Sermão da Sexagésima*, para a pregação ter eficácia, não basta ser somente pregada aos ouvidos, mas também aos olhos, já que

as palavras ouvem-se, as obras vêem-se; as palavras entram pelos ouvidos, as obras entram pelos olhos, e a nossa alma rende-se muito mais pelos olhos que pelos ouvidos. [...] Por que convertia o Baptista tantos pecadores? – Porque assim como as suas palavras pregavam aos ouvidos, o seu exemplo pregava aos olhos (VIEIRA, 1965, 10-11).

Como visto, o caráter do pregador é um requisito essencial ao sermão, cuja aceitação depende muito do fato de o orador efetivamente viver o que prega. Vieira conclui que uma das causas da corrupção está relacionada ao *ethos* dos pregadores, por falarem e não viverem o que falam (daí o fato de o jesuíta hesitar se a corrupção resiste por que os ouvintes imitam o que os pregadores fazem e não o que falam), por pregarem a si e não a Cristo.

No segundo argumento, o *pathos*, trazendo a imagem de Santo Antonio, e o exemplo de uma de suas pregações, o orador luso-brasileiro tenciona comover seu auditório. Descrevendo os intentos de Santo Antonio, através do argumento *pathos*, Vieira objetiva conscientizar o auditório de que o anseio do Santo era apenas libertá-lo da cegueira e dos demônios.

Como se há de perceber, na base da composição sermonística de Vieira, evidenciada no sermão em estudo, há recorrência às imagens e exemplos da vida de santos, com a intenção precípua de comover os ouvintes do sermão, já que “entre os artifícios retóricos, um dos mais eficazes instrumentos de persuasão utilizados para a edificação dos fiéis [eram] os *exempla*, mais especificamente, as vidas dos santos que eram projetadas no sermão” (SILVA, 2011, p. 55).

No caso acima, o autor dos sermões vale-se da experiência de Santo Antonio, que, mesmo tendo sido rejeitado por seus ouvintes, tinha o desejo de libertá-los de suas mazelas. Nesse contexto, o jesuíta, por intermédio do argumento *pathos*, busca direcionar-se às faculdades afetivas do auditório para atingir seu estado de espírito, pois provocar nos ouvintes a reflexão acerca dos sofrimentos de Cristo e do constante dilema humano de viver entre as questões terrenas e celestiais é um dos traços distintivos da arte seiscentista, como acentua Daniel Joana: “Os sentimentos provocados pela arte foram, muito provavelmente, uma das características mais marcantes do período barroco. [...] toda a arte seiscentista apostou na manipulação de afectos do público a quem se dirigia” (2010, p. 110).

Por meio do *logos*, Vieira compara os peixes aos homens, expondo análises que servirão de base à construção dos raciocínios desenvolvidos e às lições que se pretende extrair de cada uma das semelhanças ou diferenças entre os homens e os peixes.

No trecho extraído do *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, exposto no quadro acima, é possível perceber uma lição sutil dada por Vieira ao seu auditório – “Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam” –, ou seja, um bom auditório é aquele que, em silêncio, ouve atentamente o orador. E aqui vemos a construção de raciocínio interessante, a evidenciar o uso frequente do argumento *logos*.

## 6 CONCLUSÃO

Os argumentos retóricos são recursos que enriquecem o texto, já que permitem ao escritor o aumento da expressividade da linguagem, dando-lhe a possibilidade de exprimir seus sentimentos, emoções e ideias, de forma imaginativa e inovadora, fato que cumpre importante papel para o campo retórico-argumentativo, uma vez que conferem emotividade ao texto, o que acaba por facilitar a adesão da mensagem sermonística, já que Vieira, por meio de seus sermões, tencionava ao ensinamento. Todos os recursos persuasivos utilizados pelo orador, a exemplo dos argumentos retóricos, deveriam sempre trazer à tona uma verdade superior, como meio de revelação, visto que sua literatura estava a serviço da moral cristã.

Vimos que a intenção de Vieira, com o *Sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*, foi dirigir críticas à conduta dos colonos maranhenses, por estes viverem da exploração de outros homens. Para isso, o orador utilizou-se de aspectos retóricos como os argumentos afetivos (*ethos* e *pathos*) e lógicos (*logos*).

Vieira recorreu à Retórica clássica, especialmente aos três argumentos persuasivos como uma maneira de envolver os ouvintes até ao final de seu discurso, haja vista que, se direcionasse a crítica de forma literal e direta a quem precisava da repreensão, é provável que seus destinatários teriam maiores dificuldades de ouvir o sermão e de aceitar a sua mensagem.

A crítica indireta, por meio dos argumentos retóricos, praticamente anula essa possibilidade de reações de um público insatisfeito. Afinal, a crítica foi dirigida aos peixes; os seres racionais podem ou não se identificar com o conteúdo do discurso, mas dificilmente reagir de forma imediata e impetuosa. Ora, sem reações de repulsa, as chances de se ouvir também são maiores, o que possibilita maior anuência.

Desse modo, apresentando as virtudes e defeitos de cada peixe, Vieira tenciona alcançar a consciência de seu auditório, fazendo com que se enxerguem individualmente nos seres personificados e, por meio desse raciocínio, realizem uma autocrítica, no que concerne especialmente às suas más condutas. A referência aos peixes torna viável a compreensão dos colonos, possivelmente fazendo-os alcançar um estado de autocrítica, sempre prévio e necessário ao alcance das virtudes cristãs.

O sermão é claro quanto às virtudes e defeitos dos peixes e há nisso um forte propósito. Ao expressar quais condutas são louváveis ou desprezíveis aos olhos da doutrina cristã, o orador, tendo alcançado o estado de consciência de seus ouvintes, aumenta a probabilidade de que seu público – os colonos do Maranhão –, por meio da identificação com as virtudes louvadas, busque a adesão e a prática das boas condutas e o consequente repúdio dos vícios, das más condutas, sobretudo, no que diz respeito à

exploração dos negros e dos índios.

Esse é, possivelmente, o propósito do orador. De nada adianta falar verdades se não houver quem as ouça. É diante disso que podemos compreender que os recursos retóricos, como os argumentos afetivos (*ethos* e *pathos*) e lógicos (*logos*), são de valor inestimável para a construção argumentativa do *Sermão de Santo Antonio (aos peixes)*, pela ampliação da expressividade que o *ethos*, o *pathos* e o *logos* proporcionam.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. C. **A arca de Antonio Vieira: entre o sagrado e o profano**. 2015, 330 f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Brasileira). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, 2015.

\_\_\_\_\_. A Bíblia como Suporte Metafórico-Argumentativo da Retórica Sacra do Padre Antonio Vieira. **Revista Caminhando**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 127-146, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/Caminhando/article/view/6937/5505>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Retórica do Sermão da Sexagésima: a hermenêutica bíblica como fundamento da argumentação e do estilo**. 2008, 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira). Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, 2008.

ARAGÃO FILHO, H. L. de. A Retórica: sua ancestralidade e a imprescindibilidade do seu uso no universo da linguagem. **Revista Mestrado em Direito**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 155-168. Disponível em: <<http://www.palavrar.com.br/pdf/20140527-172350-09282588.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ARISTÓTELES. Dos três gêneros da Retórica. Fim de cada um deles. Fundamento das proposições. In: \_\_\_\_\_. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho. Vieira: uma lição de retórica. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte, v. 18, n. 22, p. 47-54. 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6372/5398>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

COMPATO JÚNIOR, J. A. **Retórica e literatura: o Alencar polemista nas cartas sobre a Confederação dos Tamoios**. São Paulo: Scortecci, 2003.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura europeia e idade média latina**. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do livro, 1979.



FABRINO, A. M. J. **O lugar dos lugares: a escrita argumentativa na universidade.** 2008, 245 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10022009-125746/pt-br.php>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FUNATSU, M. L. T. **Antonio Vieira e o sermão como instrumento cultural no século XVII: uma interpretação a partir do sermão da sexagésima.** 2015, 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000962795>>. Acesso em: 08 mai. 2017.

JOANA, D. J. S. **Dinâmicas de ethos, pathos e logos nos sermões de quarta-feira de cinzas do padre António Vieira.** 2010, 127 f. Dissertação (Mestrado em literatura portuguesa: investigação e ensino). Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15107/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado\\_DanielJoana.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15107/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_DanielJoana.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

JUNG, R. T. **Retórica e pregação religiosa no sermão da sexagésima do padre Antonio Vieira.** 2008, 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=111514](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=111514)>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LINHARES, E. M. **Padre Vieira, o homem e o discurso: uma leitura do sermão do bom ladrão e do sermão de Santo Antonio (aos peixes).** 2007, 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/emlinhares.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2017.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de Termos Literários.** São Paulo: Cutrix, 2004.

MELO, S. de. **Argumentação e Persuasão: o sermão da Sexagésima do Padre Antônio Vieira.** 2005, 138 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14823>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PEIXOTO, D. S. **A construção da argumentação no sermão da primeira domingo do advento: um estudo historiográfico.** 2008, 68 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14542/1/Davi%20Silva%20Peixoto.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/reboul-o-introduc3a7c3a3o-c3a0-retc3b3rica.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

RODRIGUES FILHO, N. **Padre Antonio Vieira: dizer é agir**. Disponível em: <[http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/2Sem\\_06.html](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/2Sem_06.html)>. Acesso em: 03 jul. 2017.

SAMU, L. Antonio Vieira e o sermão da rainha Santa Isabel: reflexões às estratégias argumentativas. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 58-70. agos. 2013. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xvii\\_cnlf/trab\\_completos/Ant%C3%B4nio%20Vieira%20e%20o%20serm%C3%A3o%20da%20rainha%20santa%20Isabel%20-%20LEONARDO.pdf](http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/trab_completos/Ant%C3%B4nio%20Vieira%20e%20o%20serm%C3%A3o%20da%20rainha%20santa%20Isabel%20-%20LEONARDO.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2017.

SILVA, Vinícius Pimenta; SILVEIRA, Marcelo. Retórica e Antonio Vieira: novos olhares. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 234-245, dez 2014. Disponível em: <[http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista7/eid&a\\_n7\\_15\\_vm.pdf](http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista7/eid&a_n7_15_vm.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

VIEIRA, A. **Os sermões**. São Paulo: Melhoramentos, 1963. 5 v. (Obras Completas do Padre Antonio Vieira).

\_\_\_\_\_. **Sermão da Sexagésima**. São Paulo: Edameris, 1965. 2 v. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1745](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1745)>. Acesso em: 19 maio 2019.

Título em inglês:

**THE VIEIRIAN RHETORIC OF THE SERMON OF SAINT ANTONIO (TO THE FISHES)**